

## **OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS: ESCOLA E PROFESSOR O DESAFIO DA INCLUSÃO**

Cláudia Alessandra P. Guimarães\*  
Mílvio da Silva Ribeiro\*\*

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema autismo e escola, desafios da inclusão no ensino regular, tendo o professor como mediador, é uma pesquisa bibliográfica qualitativa, pois, foi feita em livros, artigos científicos e sites direcionados ao tema Inclusão escolar de crianças com autismo. Após a elaboração de toda a pesquisa percebeu-se que o autismo ainda assusta muitos profissionais que trabalham na área da educação, mas aos poucos o processo de inclusão escolar está acontecendo. Não somente o autista, mas todas as pessoas com alguma deficiência têm direito a uma educação que atenda às necessidades básicas de aprendizagem. Sendo assim, pode-se afirmar que a educação é a principal ferramenta para o desenvolvimento de uma criança autista e através dela que a criança aprende conteúdo das variadas disciplinas e atividades do cotidiano, pensar em atividades para crianças autistas é uma tarefa complexa, mas, com dedicação, amor, estas crianças podem alcançar uma vida mais independente e com qualidade. Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo. Por fim, conclui-se que a inclusão no ensino regular é uma tarefa com grandes desafios, pois, para receber crianças autistas nas escolas é preciso adequar ambientes ou salas de aula, adaptar o currículo e as metodologias de ensino, bem como investir em capacitação e formação dos docentes para que e tenha conhecimento sobre a necessidade da criança autista fazendo com que ela se sinta confiante no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Autismo; Inclusão; Formação Profissional

### **ABSTRACT**

The present work has as its theme autism and school, challenges of inclusion in regular education, having the teacher as a mediator, it is qualitative bibliographical research, since it was carried out in books, scientific articles and websites directed to the theme School inclusion of children with autism. After the elaboration of all the

---

\* Professora vinculada à Secretaria de Educação do Município de Cametá; Formação: Mestranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – (FICS) Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará UFPA-; Graduação em Geografia pela Uninter, Graduação em Matemática pela Faveni, Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional com Habilitação em Educação Especial pela Faculdade Montenegro; Pós-graduada em Gestão de Saúde pela Universidade Federal do Pará. E-mail: [claudiaguimaraes665@gmail.com](mailto:claudiaguimaraes665@gmail.com)

\*\* Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – PPGEU/UFPA. Professor na Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel – FATEFIG. E-mail: [milvio.geo@gmail.com](mailto:milvio.geo@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1118-7152>. CV: <http://lattes.cnpq.br/9542173320344070>

research, it was noticed that autism still concerns many professionals who work in the field of education, but little by little the process of school inclusion is happening. Not only autistic people, but all people with disabilities have the right to an education that meets their basic learning needs. Therefore, it can be said that education is the main tool for the development of an autistic child and through it that the child learns contents of the various disciplines and daily activities, thinking about activities for autistic children is a complex task, but, with dedication, love, these children can achieve a more independent and quality life. For the autistic student to develop his skills, an efficient school structure is necessary, with professional preparation of all those involved in the educational process. Finally, it is concluded that inclusion in regular education is a task with great challenges, since, in order to receive autistic children in schools, it is necessary to adapt environments or classrooms, adapt the curriculum and teaching methodologies, as well as invest in training. and training teachers so that they have knowledge about the needs of autistic children, making them feel confident in the school environment.

**Keywords:** Autism; Inclusion; Professional qualification

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de inclusão dos deficientes, na rede regular de ensino público ou privado, ainda perpassa por diferentes desafios em nossa sociedade. E vai desde a recusa da matrícula nas escolas até as queixas de professores que não se sentem preparados para trabalhar com esse público “acreditando que é necessário ter formação de especialista, enfim, tentam resistir ao acolhimento dos que antes ficavam segregados do ensino regular, tendo lugar apenas na educação especial” (Romero e Sousa, 2017, p. 02).

Essa resistência dos professores não pode ser maior que a legislação brasileira “que garante a matrícula de todo aluno no ensino regular; assim, a inclusão acontece e é motivo de grande angústia por parte de todos que trabalham nas escolas” (Romero e Sousa, 2017, p. 02).

Existem diferentes estratégias para trabalhar essa resistência, uma delas é realizar uma discussão teórica sobre a construção histórico-social, para um entendimento sobre os desafios que teve que enfrentar para chegar ao Paradigma da Inclusão, entendendo que a “inclusão não é criação de um grupo de pessoas com intenções “politiqueiras”, e sim fruto da luta de uma minoria que acredita e defende os direitos de todas as pessoas, mesmo que possuam alguma deficiência” ( Romero e Sousa, 2017, p. 03).

Outra estratégia é conhecer a legislação vigente como por exemplo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, ao assegurar no artigo 208, que o acesso ao ensino é obrigatório e gratuito, um direito público que mesmo subjetivo deve estar à disposição de sua demanda (BRASIL, 1996). Nessa perspectiva as diretrizes para educação inclusiva devem estar inseridas, mesmo com suas especificidades e implicações sociais e pedagógicas, considerando que:

[...] em um ambiente escolar uma criança com deficiência pode ter um melhor desenvolvimento em um meio físico acessível que também transforma a possibilidade de integração entre as crianças e seu desempenho. Os ambientes inacessíveis são fatores preponderantes na dificuldade de inclusão na escola principalmente quando se trata de deficiência física, podendo impedir a sua independência causando com isso a sua exclusão no mercado de trabalho (Mantoan, 2010, p. 34).

Nesse contexto, é fundamental compreender as diferentes dimensões da discussão sobre o processo de inclusão, posto não se resumir às questões de só matricular os indivíduos deficientes nas escolas, mas, oferece-lhes, todo um aparato de adaptações, para que este possa ter acesso a uma educação de qualidade.

Dessa forma, propomos a investigação do uso de jogos e brincadeiras como método utilizado pelo educador na sua prática no ensino da criança com autismo. Ao saber: Como a escola e os professores da educação básica do ensino fundamental trabalham metodologicamente com a ludicidade na educação das crianças?

Nossos objetivos são : Investigar como jogos e brincadeiras podem contribuir no ensino da criança com autismo.

Pesquisar o processo de formação educacional da criança com autismo e suas implicações, visando melhorar sua aprendizagem com uma metodologia lúdica centrada no desenvolvimento cognitivo e social;

Exemplificar por meio da pesquisa realizada a importância do lúdico como facilitador das atividades, dos relacionamentos e das vivências em sala de aula, superando as limitações, encarando desafios e ampliando conhecimentos;

Investigar a aplicabilidade em sala de aula de jogos e brincadeiras educativas processo de ensino formal, para que seja repensada a didática do educador no ensino da criança com autismo.

A educação inclusiva possibilita que as crianças sem deficiência desenvolvam o respeito às características pessoais nas relações sociais, através da colaboração e

cooperação. Essas influências juntamente com outros documentos nacionais como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Plano Decenal de Educação para Todos (MEC) e o Estatuto da Criança e do Adolescente nortearam a Política Nacional de Educação Especial no Brasil, de 1994.

Estamos avançando em direção à inclusão de fato das crianças com deficiência na classe regular de ensino, mas o que vamos tratar aqui são a inclusão e aprendizagem da criança com autismo, analisando o desenvolvimento educacional comparando com a utilização de recursos didático e metodologia tradicional fazendo um resgate da metodologia lúdica. Enfatizando a importância dos jogos e das brincadeiras como facilitador nas atividades curriculares e nas mediações entre objeto e conhecimento.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. Esta pesquisa surge da necessidade de desenvolver métodos pedagógicos que possibilitem a criança com autismo se apropriar do conteúdo curricular de forma integral e o uso de jogos e brincadeiras poderá facilitar a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, a interação, a comunicação e superar suas limitações.

Admitindo que haja uma carência de estudos do tema tratado e o que se tem, não é o suficiente para contemplá-lo, o que em alguns casos culmina no educador com pouca propriedade para atuar em seu ambiente de trabalho, ocasionando certas dificuldades no processo de ensino aprendizagem da criança com autismo. Acredito que esta pesquisa vai interferir de maneira positiva neste quadro, fornecendo dados conceituais acerca da utilização de jogos e brincadeiras na didática do educador a fim de que, aproprie-se do teórico e do prático unindo a estes as estratégias que pretende usar.

Além das contribuições significativas relacionadas à necessidade da aplicação dos jogos e brincadeiras em sala de aula. A pesquisa uma vez pronta poderá ser colocada à disposição para consulta, informando e orientando o educador para o uso de jogos e brincadeiras em sua prática. Sendo pouco utilizada como recursos didáticos, pretendo resgatar o interesse do educador para a sua aplicabilidade, enfatizando suas múltiplas possibilidades, para a aprendizagem, um meio que possibilita adequar à ação educativa às peculiaridades da criança com autismo.

A dificuldade em fazer a criança com autismo aprender o que se pretende ensinar esbarra nas limitações metodológicas do educador e esta pesquisa dará subsídios para que a prática do educador pautada na metodologia lúdica possa se dá, de maneira efetiva e eficaz.

O autismo era um campo novo para mim e conhecê-lo passou a ser minha prioridade. Precisava entender um mundo sem quase nem um contato físico, visual, comunicação e emocional, em que o isolamento predominava. Procurar uma forma de resgatar aquela criança daquele mundo tão solitário era urgente precisava encontrar um jeito de me comunicar com ele, ajudá-lo. No início usei somente a intuição, mas depois fui aprendendo com leituras, estudando, perguntando e observando suas peculiaridades, na tentativa de encontrar uma fresta que me mostrasse o caminho para chegar a ele.

Foi através de suas brincadeiras, de suas preferencias por algum objeto ou brinquedo que consegui fazer parte desse mundo tão cheio de restrições e particularidades. Dessa forma aprendi que para ele, as coisas só existem, tem sentido e significado se for contextualizada concretamente de maneira clara e objetiva, de forma descontraída, desassociando do abstrato, que chame a atenção e desperte o interesse e o foco para aquele objeto.

No entanto a escola trouxe um novo desafio, para ele e para mim no que se referem ao ensino aprendizagem do conteúdo curricular, frustrando minhas expectativas com relação à didática e a metodologia aplicada em sala de aula, utilizando apenas a forma tradicional de ensino, com conteúdo, papel e lápis, ele não consegue aprender de forma significativa, por esse motivo surgiu minhas motivações para essa pesquisa, a ludicidade não é algo novo no contexto da educação, no entanto a maneira como é utilizada é quem vai dizer se pode ser usada como recurso didático para ensinar, principalmente se for uma criança com autismo. Por essa razão sou levada a estudar mais e aprofundar minha pesquisa sobre essa temática.

Dessa forma, esse trabalho se justifica por acreditar que a pesquisa demonstrará a importância e necessidade da ludicidade como um instrumento na prática diária do educador. Suas múltiplas funções facilitam o processo de ensino aprendizagem da criança com autismo e constitui uma possibilidade de acesso ao conhecimento. O ambiente escolar deve ser um local prazeroso, deve-se dar as crianças especiais o direito de explorar, experimentar, tocar, expressar, enfim,

vivenciar por meio de atividades diversificadas em um ambiente rico de estímulos, cujo objetivo maior seja o seu desenvolvimento e o seu crescimento de maneira equilibrada.

## **2.0 PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR**

O conceito de integrar se constituía em localizar no sujeito o foco da mudança, e as reais dificuldades encontradas no processo de busca de “normalização” da pessoa com deficiência. Esta conceituação não considerava que as diferenças, na realidade, não se apagam, mas devem ser administradas no convívio social, como se ao ser diferente fosse razão para determinar sua inferioridade enquanto ser social e humano.

As pessoas que possuem deficiência independentemente de quaisquer tipos de deficiência e do grau de comprometimento que apresentem, são cidadãos como quaisquer outros, detentores dos mesmos direitos e com os mesmos benefícios quanto às oportunidades disponíveis na sociedade, a pessoa com deficiência tem direito ao convívio não separado e ao ingresso e acesso imediato aos recursos disponíveis e facilitados aos demais cidadãos.

O processo de integração escolar tem sido entendido de diversas maneiras. O uso do vocabulário “integração” refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classes (se existentes), grupos de laser ou residências para pessoas com deficiência. (Mantoan 2022 pág. 26)

Incluir socialmente não se trata de um procedimento que envolva somente um lado, é bilateral, envolvendo atuação junto à pessoa com necessidades educacionais especiais e atos junto à sociedade. Verificamos que, a ideia da integração, implica como recurso principal à promoção de mudanças no indivíduo, no sentido de normalizá-lo. Enquanto, a ideia da inclusão, prevê influências decisivas e assertivas, em ambos os lados da situação: no processo de desenvolvimento do sujeito e no processo de reajuste da realidade social.

No anos 90 com política de Educação para Todos, na conferência mundial da UNESCO, ocorrida em Jomtien, na Tailândia, o Brasil comprometeu-se com uma reformulação intensa do nosso sistema educacional, de maneira a acolher a todos,

indiscriminadamente, com qualidade e legitimidade de direitos, através da Declaração de Salamanca, em 1994, foi determinada a construção de um sistema educacional inclusivo, prioritariamente no que se refere à população de alunos com necessidades educacionais especiais. O termo inclusão ganhou grande valor nas últimas décadas, e pode-se dizer que, no início do século XXI, ele entrou no modismo, em relação às escolas, a ideia é que as crianças com necessidades especiais sejam inseridas em processos de educação regular, em escolas para crianças ditas normais. Isso significa, na prática, o fim dos espaços de educação especial que se tornaram norma para o trabalho com crianças consideradas “diferentes” durante o século anterior.

O objetivo da inclusão parece elogiável e concebe uma nova etapa na evolução das democracias ocidentais, o princípio é de que nenhuma criança deva viver segregada das outras por apresentar algum tipo de deficiência, pois essa separação, que leva a criar centros para o trabalho com grupos específicos de deficiências, está na origem de processos que podem levar à segregação das crianças diferentes.

Incluir representa um passo a mais em uma evolução que revolucionou nossa visão sobre as crianças que apresentam especiais, não podemos esquecer que, durante a história, as crianças com necessidades especiais frequentemente eram mortas ou abandonadas, somente a partir da segunda metade do século XIX, em alguns raros países do mundo, é que surgiu um movimento de defesa das crianças com de necessidades especiais.

Sob um olhar pedagógico, analisamos aspectos positivos da inclusão e outros nem tanto, por exemplo, as grandes vantagens envolvem a oportunidade que é dada as crianças que apresentam diferenças marcantes de interação com crianças consideradas ditas normais. Como sabemos cada vez mais sobre o papel enorme das interações no desenvolvimento, evita-se, dessa forma, que a criança fique em espaços separados, onde os processos de socialização são menos importantes, e simultaneamente, o envolvimento são com crianças especiais no cotidiano escolar pode ser uma experiência muito importante de mudança de pensamento para todos os alunos.

Um fator excelente no quesito negatividade diz respeito notadamente à dificuldade que as escolas encontram para integrar essas crianças, visto que muitas vezes, elas correm risco de se tornarem simples espectadoras de processos aos

quais não conseguem se integrar, dessa forma supõe-se que a melhor solução parece ser, nas salas com crianças com necessidades especiais, haver um professor especialmente preparado para lidar com essas crianças incluídas.

Levando em consideração esse aspecto, ao eliminarmos as turmas de “educação especial”, corremos também o risco de perdermos algumas vantagens que o fato de agrupar várias crianças com as mesmas deficiências, por exemplo, as cegas ou as surdas, pode trazer, como o de oferecer uma possibilidade para trabalhar caminhos alternativos para toda uma comunidade de crianças. Pode ser possível pensarmos em soluções “combinadas”, em que crianças com necessidades especiais passam parte do tempo em classes inclusivas e outra parte em ambientes especialmente preparados para provocar nelas processos de desenvolvimento.

### **3. A ESCOLA, O PROFESSOR E O ALUNO**

O ensino brasileiro passou por transformações substanciais a partir da década de 60, influenciado pelo pensamento de Paulo Freire. Essas mudanças voltaram o foco da educação para a pessoa do educando, exigindo dos professores atenção especial manifestada tanto no aprimoramento pedagógico como no desenvolvimento de habilidades, atitudes e capacidades de estabelecer relações socioafetivas. De acordo com as ideias freirianas, a sala de aula passou a ser compreendida como espaço multifacetado e dinâmico que oportuniza diversas aprendizagens concomitantes, incluindo as refrações de ordem social.

A década de 70, no entanto, trouxe novas transformações, alterando o paradigma que se centrava na pessoa do educador, concebido, segundo Masetto, como transmissor de conhecimento específico, tecnicista e desarticulado das outras dimensões da condição humana. Para Grillo e Lima, esse pensamento caracteriza-se por uma forma autoritária de pensar a organização e a realização do ensino que traduz o desrespeito à autonomia e a falta de confiança na capacidade dos alunos.

Desse modo, esse sistema, centrado sua atenção na aquisição de conhecimentos específicos, descuidou-se das demais dimensões que compõem o processo ensino-aprendizagem. Notadamente a partir dos anos 1990, passou-se a considerar a cidadania no seu sentido de vínculo social, responsabilidade e ética. Houve transformações significativas nas estruturas produtivas, de acordo com os modelos criados pela globalização.



Assim, a ação pedagógica tem procurado capacitar os estudantes para que desenvolvam novas competências e habilidades profissionais. No entanto, agora, torna-se fundamental que o professor não perca o sentido fundamental de seu ofício, isto é, assume o processo pedagógico como libertador, produtor de autonomia e cidadania plena. Dessa forma, sua identidade é construída a partir de duas dimensões indissociáveis: a pessoal e a profissional. Sobre isso, Nóvoa destaca: ser professor obriga a opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.

Um professor atento e com capacidade de tolerar, entender, procurar novas formas de atingir seus alunos tem papel preponderante na formação pessoal de cada um deles. Fazer a leitura de um comportamento inadequado, como um pedido de atenção e ajuda, pode salvar um ser humano.

Pelo acúmulo de trabalho e falta de tempo, o professor pode ser facilmente levado a não atentar para detalhes, contudo determinantes. Quando se está em sala de aula exercendo o papel de professor, percebe-se perfeitamente o clima geral da sala, o olhar ou postura dos alunos. Se a prática adotada inclui prestar atenção a esses aspectos, podemos perceber alterações ou alguma característica particularmente notável.

Na verdade, quando se trabalha diretamente na formação da pessoa, em sua integralidade, não se pode pensar que a ação possa ser parcial a ponto de lidar apenas com a construção do conhecimento. O processo do ensinar e aprender acontece no âmbito das relações interpessoais e deve abranger a pessoa inteira, com sua bagagem cultural, emoções e história de vida.

Assim, quando se está diante desse sujeito-aluno, revela-se a amplitude e a surpreendente profundidade implícita ao ser humano. Em decorrência disso, não adianta pensar apenas nos aspectos pertinentes à transmissão do conhecimento, pois no processo de trabalho vários serão os momentos de parar e refletir para poder auxiliar o aluno a enfrentar as questões que, permeando suas ações, passam a comprometer seu desempenho e relações com o outro.

Aquele que se dispõe a ensinar a turma toda deixa de lado o falar, o copiar e o ditar como recurso didático-pedagógicos. Ele não será mais professor palestrante, identificado com a lógica de distribuição do ensino, que pratica a pedagogia unidirecional “do A para B e do A sobre B”, como afirmou Paulo Freire nos idos de

1978. Ao contrário, partilhará com os alunos a construção/autoria dos conhecimentos produzidos em uma aula. No ensino expositivo, o conhecimento reduz-se em quantidade e qualidade. (Mantoan, 2022 pág. 78)

De acordo c Mantoan (2022pág 78) significativamente, tem-se percebido o professor mais preocupado e profundamente mobilizado na busca do auxílio ao aluno com dificuldades para o enfrentamento da própria vida. Vê-se, com clareza, a pessoa do professor, o ser humano que se preocupa com o outro, que coloca em prática a ética a favor da vida, que dignifica e qualifica o ser professor, cuidando da formação integral da pessoa sob sua orientação, em qualquer etapa da vida, independente do contexto educacional no qual esteja inserida.

O aluno universitário, adolescente ou adulto, como pessoa em processo contínuo de formação, tem mobilizado o cuidador em cada um de nós, professores universitários. Ingênuo seria pensar passar ileso pelas relações pessoais inerentes ao processo de ensinar e aprender sem colocar em jogo a acolhida, o afeto, a atenção ao outro, presente no cerne dessa relação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Também merece reflexão o momento em que se presencia o emergir dessas questões com mais força: o momento da prática. Quando o aluno experimenta a ação específica do exercício de sua futura profissão, entra no contexto relacional com aqueles que necessitarão de seu estímulo. Nesse momento, toda sua força é exigida, pois a prática não admite a passividade da sala de aula, na qual pode abrigar-se como um aluno dentre os demais. O professor-supervisor das práticas e estágios, que acolhe os anseios e angústias do aluno-estagiário, encontra-se, muitas vezes, ante desafios que superam a possibilidade de responder sozinho à situação. Portanto, faz-se também fundamental que esse professor-cuidador possa contar com suporte interdisciplinar, que compartilhe o auxílio a ser oferecido ao aluno.

Nesse sentido, a experiência como professor tem sido significativa, comprovando a necessidade da escuta e atenção a dupla professor-aluno. Na vida universitária e, especificamente, na formação daqueles profissionais que terão a vida dos outros em suas mãos, convive-se com uma perspectiva ampliada e aprofundada do que significa ser professor. Ao contrário do que se poderia pensar do professor universitário, alguém preocupado apenas com os afazeres acadêmicos ligados ao

saber, tem-se verificado, que os docentes estão sensíveis à complexidade da tarefa educativa no envolvimento integral ao estudante e engajados no desempenho dessa tarefa.

Desse modo, é de suma importância ouvir o que professores e estudantes têm a dizer, para pensar, em conjunto, formas integradas e interdisciplinares de responder às situações do ensino. A ação desenvolvida tem produzido efeitos importantes no que se refere a posicionamentos que os professores – mais especificamente – precisam tomar no sentido de privilegiar o cuidado com seus alunos, bem como consigo próprios, tanto no plano individual quanto no coletivo, considerando seu papel como participantes de uma comunidade acadêmica inserida num contexto social mais amplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acessado em: JUN/2023.

CHIARI, B. M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de Asperger**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, ano 13, n. 3, p. 296-299, 2018.

CUNHA, E. **Autismo e educação escolar: um olhar psicopedagógico**. Revista Científica Contexto/Facnec, ano 1, n. 1, jun. 2016.

FERRARI, P. **Autismo infantil: o que é e como tratar**. São Paulo: Paulinas, 2017.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** Ijuí, 2020.

FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ SETUBAL. **Marcos históricos do autismo**. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>. Acesso em jun/2023

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira, 2013.

LUCKESI, C. C. **Ludicidades e atividades lúdicas: uma abordagem a partir das experiências Internas**. Nativa - Revista de Ciências Sociais, nº 2, 2015.